OTTO KAISER.

EXEGESE DO ANTIGO TESTAMENTO

Tradução e complementação de Daniel Sotelo

Goiânia Fevereiro de 2006.

INDICE.

1. Exêgese e Proclamação.

2. Texto do Antigo Testamento e a Crítica Textual.

3. Análise da Métrica na Poesia Hebraica.

4. Crítica Literária.

5. Crítica da Forma e da Tradição.

6. A Exegese da Matéria, Conceito de Exêgese e Exêgese Contextual.

7. Antigo Testamento e a Teologia Cristã.

8. Apêndice I (Passos para fazer uma Exegese).

9. Apêndice II (Complemento Bibliográfico).

1. EXEGESE E PROCLAMAÇÃO.

Tomamos para garantir que ao final da analise a forma teológica serve como uma preparação para a proclamação do evangelho. Para significar que Deus mesmo traz a fé viva em Jesus Cristo como Senhor do mundo e o Senhor de sua Igreja (Agostinho, Confissões, parágrafo. 5). A Igreja necessariamente expressa sua fé no credo com que ele confronta como Cristão individual.

Portanto, oferece uma proclamação normativa e um padrão de fé do individuo. Mas a Igreja como um todo, como a proclamação que toma lugar em seu meio e como a fé do cristão individual, está referida atrás na Sagrada Escritura como uma fonte e norma de fé.

Numa escuta sempre renovada do testemunho da escritura, o credo da Igreja será examinado, interpretado, e, se preciso for, modificado. Ao ouvir sempre renovado testemunho da Escritura, a proclamação do evangelho será preparada, a fé do individuo será mudado, purificado, fortalecido e confirmado[1]. Desde que a sagrada Escritura do Antigo e do Novo Testamentos são primariamente uma lembrança histórica da ação salvadora de Deus sobre os homens que pertencem ao passado, a representação desta lembrança forma a base de todo fundamento do credo, toda a proclamação, e toda a fé na Igreja. No serviço desta representação, toda forma teológica é fortalecida com as varias disciplinas teológicas e especialmente, de acordo com o que tem sido corretamente dito, na exegese do Antigo e do Novo Testamentos.

---

[1]Cf talvez, Emil Brunner. Revelation and Reason(revelação e Razão), Philadelphia, Westminster, 1946, p 118ss, na questão da necessidade e na limitação da investigação cientifica teológica, pode com proveito consultar C H Ratschow.Die Bedeutung der Theologi fuer Kirche und Gemeinde(A interpretação da Teologia para a Igreja e Comunidade), Salzufen, Glauben, 3, 1963.

Como um ato da compreensão humana, a exegese não pode ser sem pressuposições. Todo exegeta, como um ser humano que é afetado por questões existenciais, traz consigo preconceitos e prejuízos definidos[2]. É decisivo para a fé pessoal e para a proclamação que pode questionar isto que o encontro com e a analise do testemunho de cada livro individual ou seção da escritura pode e deve resultar no envolvimento do exegeta próprio para entender-se a si mesmo como tem sido mudado pelo testemunho da escritura.

Mas em ordem que o testemunho das escrituras pode ser realmente ouvido e em ordem que o encontro real com este testemunho pode seguir este ouvir é essencial ao proceder sem vida, estranho pensar isto pode ser o som em primeiro e, em ultima analise, limitada por este requerimento pode ter. O interprete pode ser primeiro preparado para suspender suas convicções dogmáticas da Igreja, a visão tradicional de pesquisa, e que sua própria compreensão da fé em ordem a ouvir com a real objetividade do texto que o liga além dele[3]. O dito sem ser entendido, que é a tarefa do interprete para entender um escrito melhor que ele se entenda a si mesmo, é aplicável aqui só num sentido restrito que o exegeta é obrigado a "*explicar o fundamento de que a expressão concernente que tem surgido*"[4].

Entendido desta maneira, este requerimento é perfeitamente consistente com o que de um modo, exegese imparcial – que é, desde que a Escritura cumpre como assunto pertencente ao passado, da exegese histórico critico. O conhecimento dos métodos de tal exegese e a habilidade para usar este método é então indispensável tanto para o estudo do especialista da escritura Sagrada como para a preparação de um sermão. A negligencia desta espécie de exegese liga inevitavelmente a excentricidade na teologia como na

[2]Cf Rudolf Bultmann. Das problem der Hemeneutik, Z Th K, 47, p 47ss(tem tradução em português, Editora Sinodal- O problema da Hermenêutica)

[3] Sobre a objetividade do exegeta, cf: R Bultmann. Ist voraussetzung Exegese moeglich?, Th Z, 13,6, 1957, p 409(em português)

[4]O F Bollnow. Was heisst einen Schriftsteller besser Verstehen, al ser sich selber Verstander hat? In: Das Verstehen (Da Compreensão), Mainz 1949, p 25.

improvisação da pregação e, então, para toda a luta da Igreja contra os hereges[5] e o compromisso da fé.

No quadro de uma introdução básica para o método da exegese critica histórica dos textos do Antigo Testamento não pode ser a nossa tarefa para propor isto no problema hermenêutico em geral ou nos problemas envolvidos numa compreensão Cristã do Antigo Testamento em particular[6]. Para o estudante a primeira questão – a parte da questão de que a tradição confessional definida ele tem formado assim ou que se ou não toma a obra teológica de sua própria escolha livre – é como que torna a concordância o método de procedimento que é de crucial importância na exegese e com a pesquisa do especialista que é nesta disposição para possuí-la. Em ordem não é para pesar esta introdução do começo com o juízo prioritário sistemático, poderemos conscientemente abster da discussão detalhada de uma interpretação existencial.

---

[5] Cf C H Ratschow, op cit, pp 46ss.
[6] Cf Claus Westermann (ed). Old Testament Hermeneutics, Richmond, John Knox, 1963 (Ensaios sobre Hermenêutica do Antigo testamento); as contribuições em Authur Weiser. Glaube und Geschichte im Alten testament(Fé e história no Antigo Testamento), Goettingen, 1961; Otto Kaiser Wort dês propheten (Palavra dos Profetas), in: Festschrift fuer A. Weiser, Goettingen, 1963, p 75ss. Para a diferença entre exegese Protestante e a Católica, cf Rudolf Schnackenburg, BL, 5, 1964, p 234s.

2. TEXTO DO ANTIGO TESTAMENTO E A CRÍTICA TEXTUAL.

Um confiável, texto editado criticamente na língua original forma a base de todo propósito do especialista conectado com o Antigo Testamento e, consequentemente, é a base para nossa obra exegética. Temos isto na forma da *Bíblia Hebraica*, editado por Rudolf Kittel (tem uma edição nova de H P Rugger). Desde que a terceira edição, que foi completada em 1937, isto tem sido baseada do antigo manuscrito completamente preservado da *Bíblia Hebraica*, o *Código* de *Leningrado*, que data do ano 1008. Depois disto pode-se usar um texto de uma tradução que satisfaz os requerimentos de especialistas, tal como temos na versão Estandarte Americana (American Standart Version – ASV, 1901)[7].

A Sagrada Bíblia: a nova tradução por James Moffat (1926) (The Holy Bible: a New Translation – HBNT), e a Bíblia: uma Tradução Americana

---

[7] Referido como ASV, esta tradução diverge apenas um pouco da ERV ou RV de 1881-1885. As referencias destas e outras versões Inglesas neste parágrafo têm sido supridas pelo tradutor. O original se refere às versões alemãs de Emil Kautzsch. Heilig Schrift des Alten testament (Escritura Sagrada do Antigo Testamento); E Kautzsch Apokryphen und Pseudepigraphen des Alten Testament(Apócrifos e Pseudepigrafes do Antigo testamento), Zurich Bibel (ZB); Paul Riessler. Altjuedisches Schriften ausserhalb der Bibel, Tubingen, Mohr.

(The Bible: An American Translation – BAT, 1931)[8]; a Versão Estandarte Revisada (The Revised Standart Version – RSV, 1952) [9], e mais recentes traduções[10]. Aqui pode também ser mencionada "Os Apócrifos e Pseudepigrafes do Antigo testamento em Inglês editado por R. H. Charles (The Apocryphal and Pseudepigraph of the Old Testament in English – APOTE)[11].

Primeiro de tudo julgamos dar um sentido preliminar para o texto a ser interpretado pela leitura em varias épocas, e então quando fazemos uma nova obra futura. Para ler o texto podemos assim familiarizar com o que uma interpretação de um texto e não uma interpretação de nossa noiva tradução ou de uma nova versão. Colocamos o *Léxico* e a *Gramática*, que serão as nossas ajudas preliminares dentro dessa fácil riqueza[12].

---

[8] A tradução do Antigo Testamento é de J M P Smith e de outros especialistas; a tradução do Novo testamento é de E J Goodspeed.

[9] A RSV; uma revisão demais literal como a ASV, ver nota 7.

[10] Entre outras pode ser mencionada as traduções Católicas, de que a Congregação para a doutrina da fé (Paterson, NJ, 1952) e a Bíblia de Jerusalém (NY, Doubleday) e a tradução feita sob os auspícios da Sociedade Judaica Americana (Jewish Publication Society of América), Philadelphia, 1962. A NEB (New English Bible) não foi completada (somente ocorreu na década de 70), o Novo testamento foi publicado em 1961.

[11] 2 Volumes, Londres, Oxford University Press.

[12] Para estudantes que tem só o inglês de Hebrew and English Lexicon of the Old Testament, Brown/Driver/Briggs (última impressão 1951) é ainda aceitável. Esta é baseada no livro de W. Gesenius. Dicionário Manual de Hebraico e Aramaico, esta obra é uma revisão da obra de Franz Buehl, impressa em 1962. A lexicografia tem sido feita algum progresso no tempo, e pode consultar, no último caso as formas obscuras e as palavras que significam apesar das dúvidas, o Lexikon in Veteris Testamenti libros (Léxico de Livros do Antigo Testamento), a porção Hebraica de que tem sido revisado por L Koehler e o aramaico por W. Baumgartner (Leiden, 1958). Esta obra tem as traduções em Inglês e alemão. Aqui também as mais recentes literaturas sobre o estudo de palavras e significados são citados. Em adição a sua gramática escolar introdutória o estudante referirá a W Geseniu/E Kautzsch. Gramática Hebraica (Hebrew Grammar, na 2ª edição Alemã por A W Cowley e reimpressa em 1960 por Oxford), com seu índice detalhado, como que na 29ª edição não terminada, por G. Bergstrasser (leipzig, 1918s). No campo da sintaxe temos uma obra compreensiva da pena de C Brockelmann(da editora Neukirchner, Kreis Moers, 1957). Para não ser exaustivo o problema conectado com este assunto, pode ser visto das pesquisas de D Michel em "Tempora und Satzstellung in dem Psalmen, EvTh 1, Bonn, 1960, e o livro de O Roessler, ZAW,74, 1962, p 125-141. A obra mais moderna relevante que busca de toda a área completa o livro de G Beer Gramática Hebraica (Hebraeische Grammatik), na edição revisada por R Meyer, que aparece em ter volumas em Sammlung Goeschen entre 1952 e 1960 em Berlin. Para as porções aramaicas do Antigo testamento a obra de F Rosenthal. Gramática de Aramaico Bíblico, Wiesbaden, 1961, pode ser também recomendada em acréscimo a obra de H Bauer/P Leander. Gramática de

O próximo fundamento é a descoberta do texto, ou *Crítica textual*. Disto a real natureza da tradição dos Manuscritos Bíblicos (2540 para o Antigo testamento e 4540 para o Novo Testamento mais ou menos), que nos últimos cem anos, e que depois de mil anos, com todas as alterações conscientes e distorções inconscientes conecta-o com e segue que o texto é explicado mais do que estabelecido. No caso ideal da edição cientifica do texto – tal como a terceira edição que a Bíblia Hebraica representa, aproximadamente, por sua vez – toma em relação com todos os testemunhos avaliáveis na língua original e nas traduções feitas no período da difusão do manuscrito, usando o ultimo mais completo manuscrito na língua original hebraica como uma base, diretamente ou indiretamente.

Como que, o estudante tem usualmente sido – mas que pode ser – contendo o uso das edições apropriadas das Bíblias *Grega* e *Latina*, a LXX (*Septuaginta*) e a *Vulgata*[13] e, a demanda da ocasião, também o *Pentateuco Samaritano*[14] e os Rolos e fragmentos descobertos no deserto da Judéia (Manuscritos do Mar Morto)[15]. Metodologicamente a obra confiável na critica textual pressupõe um conhecimento da historia do texto Hebraico e sua traduções, como isto é visto nas introduções ao Antigo Testamento[16] e outras obras especializadas[17]. A pesquisa da historia do texto, edições avaliáveis, a instrução

Aramaico Bíblico, Halle, 1927, e Curso de Gramática de Aramaico Bíblico, Halle, 1929.

[13] LXX (Septuaginta) ed por A Rahlphs, 2 vols, Stuttgart, 1935; Vulgata, Roma, 1927 e 1953.

[14] A von Gall. Der Hebraische Pentateuch der Samaritanen, Giessen, 1918

[15] Cf Chr. Curchard. Bibliographie zu den Handschriften von Toten Meer, BZAW, 76, Berlin, 1957.

[16] Otto Eissfeldt O Antigo Testamento (em inglês, tem uma versão em espanhol pela ediciones Cristiandad); A Wiser. The Old Testament, NY, Association, 1961; E Selin/G Fohrer Introdução ao Antigo Testamento, 2 vols, Paulus, SP, 1984; Adolphe Lods. Histoire de la Literature Hebraique et Juive, Paris, 1950; Aage bentzen. Introdução ao Antigo Testamento, 2 vols, ASTE, SP, 1984; R H Pffeifer. Introduction to the Old Testament, NY, Harper, 1948; N G Gottwald. A light to the Nations, NY, Association, 1959; G W Anderson. A critical introduction to the Old Testament, London, Druckworth, 1960.

[17] Cf P Kahle. The Cairo Geniza, London, OUP, 1959; F G Kenyon. The Text of the Greek Bible, London, Druckworth, 1958; F Stummer. Einfuehrung in die Lateinische Bibel, Padeborn, 1928.

detalhada na critica textual é dada especialmente por Ernest Wuerthwein "*The Text of the Old Testament*" (O Texto do Antigo Testamento)[18] e por Martin Noth "*The Old Testament World*" (O Mundo do Antigo Testamento – tem uma tradução em espanhol pela Ediciones Cristiandad)[19]. Ambos os livros pertencem e estão às mãos de todos os estudantes.

Crítica textual procede de três maneiras. A) - arranjamento e coleta das variantes; B) - a determinação da leitura correta (ou as leituras mais corretas). Na primeira etapa as leituras das variantes encontrada nas tradições manuscritas são arranjadas em ordem em que surgem na historia do texto[20]. Aqui é necessário notar só tais variantes que são nem sempre alterações intencionais, nem assimilações posteriores do texto Massorético (T M). No mesmo caminho os erros dos escribas são separados fora deste passo. O próximo passo no texto tradicional é examinado na base da evidencia lingüística e a evidencia do assunto da matéria. Aqui o Texto Massorético, como aparece na Bíblia Hebraica, é mais ainda cuidadosa a atenção. Se as considerações aparecem contra ele, o modo do significado de palavras duvidosas é primeiro de tudo investigado lexicamente, e então o uso lingüístico é para ser examinado com a ajuda da concordância Hebraica[21].

Um procedimento similar pode ser seguido em lembrar as variantes gregas. Em determinar a forma do significado da palavra Grega [22], a investigação dos equivalentes Hebraicos para ele pode ser um fator.

[18] Oxford, Blackwell, 1957.
[19] Philadelphia, Fortress Press, 1965.
[20] Cf Ernest Wuerthwein, op cit, p 76ss.
[21] Aqui é indispensável a tarefa para a obra do especialista é de salomon Mandelkern. Veteris Testamenti Conocrdantiae Hebraicae atque Chaldaicae, depois impresso em Graz em 1955. Quando fizer uso desta concordância poderá ser notada que o pronome, a partícula relativa *asher*, a concordância Aramaica e a lista de nomes próprios, incluindo as formas denotam Deus e as formas do nome divino YHWH são colecionadas no fim da seção do segundo volume. Para todo uso o estudante encontrará na obra de G Lisowsky. Koncordanz zum Alten Testament(Concordância do Antigo testamento), Stuttgart, 1958, era adequado.
[22] Para os léxicos pertinentes ver abaixo, a nota 4, na seção da exegese do Novo Testamento.

Aqui a obra de Edwin Hatch/ H A Redpath "*A Concordance to the Septuagint and the Others Greek Versions of the Old Testament*" (Uma concordância para a septuaginta e outras Versões Gregas do Antigo Testamento), a última reimpressão em Graz, Alemanha em 1954, fora as ajudas indispensáveis. Para isto, após a palavra Grega, e os equivalentes atuais Hebraicos são listados, e o equivalente Hebraico em cada passagem separada é indicado. Antes disto é estabelecido que a frase em Hebraico não, é vertida para o Grego, os paralelos podem ser examinados, e isto pode ser visto nas concordâncias Hebraicas.

Como beneficio do iniciante, podemos mudar o texto na base de considerações métricas e da critica da forma no curso de uma investigação métrica como na critica literária, que é algumas vezes referida como "alta critica" na contra distinção de "baixa" ou critica textual. Como que, certa soma de ultrapassagens para os passos da exegese não ordinariamente é tida no exame do assunto da matéria. Aqui pode sempre ser a ocasião para isto, se uma palavra singular ou expressão não está no contexto do mundo do Antigo Testamento. Provavelmente estará claro neste ponto que o passo individual da exegese pode primeiro ser tomado na ordem definitiva, mas por último em, quando escrito é encontrado, o todo é tirado em vista e na inter-relação de partes claramente mostrado, isto é, que o arranjo e ordem do modo metodológico podem proceder e em cada ocasião de acordo com a tarefa particular. Em determinar o valor do testemunho para o texto será sempre dada a preferência ao Texto Massorético, menos é *"impossível no fundamento do contexto e da linguagem"* [23]. Só se o Texto Massorético não é capaz de ser lido nas variantes de outros testemunhos textuais a serem examinados. O Texto Hebraico é sempre corrigido de acordo com os modos suficientes de sua originalidade pode ser produzida. Só quando nenhuma das variantes tradicionais tem quaisquer exigências da originalidade é admissível a

[23] Cf Ernest Wuethwein, op cit, p 80s.

emendar uma passagem corrompida para significar de uma conjectura. Principalmente nos livros de Josué a reis os textos Hebraicos e Gregos diferem completamente. Antes a decisão é feita aqui num caso particular, a natureza especial da tradição particular é para ser possuída por vários capítulos. Neste caminho o texto breve na LXX (*Septuaginta*) que aparece primeiramente atrativa pode ser sempre mostrado como secundário.

3. ANÁLISE DA MÉTRICA NA POESIA HEBRAICA.

Se estivermos de acordo com o texto métrico, a métrica envolvida pode ser examinada em conexão com a critica textual. Aqui se origina na mente a partida que a dificuldade inicial de toda a construção métrica é que o sistema de acentuação agora liga-nos perante o texto Massorético que não foi fixado até muitos séculos após o texto

escrito. Uma segunda dificuldade decisiva é que agora não há um acordo unânime que tem sido colocado entre os investigadores como que o sistema métrico interliga a Poesia Hebraica.

Se for persuadido que a métrica é acentuada – alias que uma quantidade, que depende para ser efeito em varias combinações de silabas longas e breves – poderemos ainda determinar se é uma métrica alternativa, que cada silaba acentuada segue por uma não acentuada, ou se é anapéstica, que duas silabas não acentuadas seguidas por uma silaba acentuada simples. Podemos dizer, como que, agora muitos especialistas inclinam para a opinião que a Métrica Hebraica foi acentuada e anapéstica[24]. Em vista de todas estas questões que ainda estão em disputa, podemos introduzir considerações métricas num argumento só se alguns pontos objetivos podem ser feitos convincentemente. O iniciante é especialmente levado a exercitar aqui um grande retrospecto.

---

[24] Para o problema da métrica, cf, as seções relevantes das introduções mencionadas na nota 16, em que a bibliografia será encontrada. Para a métrica significativa da crítica textual, ver Martin Noth. O Mundo do Antigo Testamento.

4. CRÍTICA LITERÁRIA.

Desde que uma compreensão da autoria no sentido moderno é colocada no período do Antigo Testamento, podemos reconhecer com o fato que os livros individuais não representam unificação de composições literárias. Eles são, aliás, coleções e recomposições de antigas tradições, algumas das quais foram orais na natureza, mas outras das quais foram fontes documentais independentes ou pequenas unidades independentes, que podem ou não tem sido arranjadas previamente e retrabalhadas. Precisamos dizer os pontos de partidas que estes "*livros*" ou coleções foram editados com variações enormes. Esta historia do texto determina a tarefa da critica literária, a meta da qual é o conteúdo original separado de um livro, de uma fonte de documento, ou uma tradição individual dos últimos acréscimos e então a pavimentar de um caminho para a avaliação histórica de um texto.

A obra da crítica literária começa com o exame de um arranjo e estrutura interna de uma porção de um texto. Liga uma vez à compreensão do texto completo e é, então, a ser tomado com grande cuidado. É conveniente proceder em três maneiras:

1) - Cada porção do texto é classificada conforme o ponto de vista – dramático ou funcional – do qual tem sido composto. Isto pode, é claro, ser algo de ultrapassar estas classificações. Neste estagio o conhecimento básico de vários gêneros como prosa e poesia que são encontrados no Antigo Testamento é então necessário[25]. Assim é claro que a análise é de importância decisiva não só para a critica literária, mas também para a identificação dos gêneros e para total compreensão do texto.

2) – A outra forma expressada no texto é para ser traçada de sentença a sentenças e examinado para inconsistentes variáveis possíveis. Por trabalhar o texto repetidamente neste caminho, duplicidades, glosas secundarias, alternâncias entre poesia e prosa, desvios estilísticos, omissões, mudanças no pensamento e contradições diretas são formadas a esta luz. Se qualquer estiver presente nestes casos. Na base disto e na analise métrica que têm, se necessário, sido dado previamente, a obra real da critica literária se segue. Primeiro, a glosa obvia é eliminada.

3) – Próximo, a forma principal da narrativa ou outra unidade que interliga o texto trabalhado, é então as fontes subordinadas ou estágios no processo de revisão é estabelecido. Para a avaliação do resultado obtido é necessário ter algum conhecimento dos resultados obtidos pela pesquisa da critica literária ao apresentar e concordar com as hipóteses competindo que tem sido baseado nele. Isto pode ser ganho com a ajuda de introduções ou de relevantes monografias e comentários[26]. É duramente necessário enfatizar que o exame do uso lingüístico dos documentos fontes, estratos narrativos, oráculos proféticos e como é feito com grande cuidado, assim que, no caso de

[25] Informação sobre isto será encontrada nas introduções mencionadas na nota 16; cf também RGG II, 3ª, cols 996ss.
[26] Cf nota 16.

uma peça limitada de pesquisa, o resultado de outros investigadores pode ser considerado[27].

No trabalho com as estatísticas lingüísticas, usando a concordância com especial pesquisa analítica, é essencial trazer à mente que assuntos diferentes podem requerer vocabulários diferentes. Assim, é possível dar respostas definidas a muitos problemas se a historia de palavras simples ou que frases são investigadas com suficientes pesquisas.

Em adição à Concordância Hebraica, as introduções, monografias relevantes, teses, e comentários serão de novo usados na pesquisa. Como que, o estudante pode fazer um papel para si próprio aqui como em outros procedimentos exegéticos, tomar a literatura secundaria só se ela tem, na base de sua própria pesquisa, então leva a um definido, e se necessário provisório, resultado. Se não observar esta regra cairá na dependência na literatura que pode tirar de sua obra de todo valor científico e que, mais, o privará de todo jogo em sua obra. Portanto, ele pode julgar o peso dos pontos de vista para as obras diferentes individuais, desde que pode comparar varias obras com cada uma a outra.

Aqui não significamos a endossar de alguma forma de procedimento numérico que é inapropriado dentro desta ciência, mas meramente a indicar como o iniciante pode reconhecer se ele tem a fazer com uma

[27] Para a obra do Pentateuco e o livro de Josué, H Holzinger. Introdução ao Hexateuco (Einleintung in den Hexateuch), Tuebingen, 1900, se usado inteligentemente, ainda que dá bom serviço. Uma breve pesquisa é oferecida no livro de Otto Eissfledt Sinopse do Hexateuco(Hexateuchsynopse) Leipzig, 1922. Martin Noth Historia da Tradição do Pentateuco (Uberlieferungsgeschichtliche des Pentateuch- tem uma tradução em Inlgês), Stuttgart, 1960, e a de G Holscher. Os Escritos Históricos em Israel (Geschichtsschreibung im Israel), Lund, 1952, também contem pesquisa apresentada de forma tabular. Em uso de qualquer destas obras o estudante pode, é claro, cuidadosamente tomar como básica consideração o ponto de vista do autor. A aplicação do critério da crítica literária no estudo do Pentateuco tem sido mais recentemente tratada, em amostra exemplar, por M Noth, op cit, 20s. Um breve guia de crítica literária no estudo dos textos proféticos está implicitamente contido em G W Anderson, em: Uma Introdução ao Antigo Testamento, p 98ss.

opinião que é então geralmente aceito por especialista. Ao ser dito, é claro, para que cada caminho a ser desaprovado por argumentos e clareza concisa. No escrito do especialista o iniciante pode, se o estado da questão requer não mais, contendo próprio ao dar a clara apresentação declarada da critica literária, assim a interpretação destes achados que tem sido aceitos na tradição dos especialistas, e mais, o ponto de tal interpretação que parece a ele ter achado em questões mais adequadas.

Um conteúdo da margem narrativa e também de uma independência original ou atual da unidade textual sob a consideração pode ser obtido de um exame deste assunto em que o texto é colocado o material que procede dele e que o segue. Aqui não é sempre possível limitar-se a si mesmo a consideração dos capítulos imediatamente precedentes ou seguintes, desde que as seções que foram originariamente prováveis têm sido separadas de cada outro pela obra redacional. Se a evidencia interna e possível também da critica da forma os pontos claros para independência da unidade, o exame de "*acréscimos*" como o começo e fim por ultimo revela pontos preliminares para a compreensão da composição do livro ou método seguido pelo autor ou editor em sua obra. Nos passos seguintes da exegese o resultado da crítica literária é tomado no relato em tal caminho que o – texto está sob consideração é explicado por um estagio de desenvolvimento a outro. Pode estar claro, consequentemente, que a critica literária não é mais um fim em si mesmo do que é a critica textual, mas é uma chave essencial para a compreensão do texto.

5. CRÍTICA DA FORMA E CRÍTICA DA TRADIÇÃO [28].

Quando a margem da unidade da poesia ou da prosa tem sido marcada desta forma, a próxima tarefa é a determinação do gênero literário, que no seu turno nos vem à razão o *Sitz in Leben* original[29]. Falamos de um gênero se uma forma definida é unida com um conteúdo definido e se ambos possuem um ponto fixo de referencia, um *Sitz in Leben* definido. Retornamos aqui a Herrmann Gunkel, o pai da pesquisa nos gêneros literários do Antigo Testamento:

"O produto literário de um tempo e lugar primitivo é distinguido destes povos mais civilizados em que eles não são, como antes, imagináveis também só no papel, mas surge da vida atual do ser humano e tem seu Sitz in Leben nele: mulheres cantam o salmo triunfante de vitória como eles encontram a armada vitoriosa retornando da batalha. Ou o tremor é visto sobre o leito dos mortos,

---

[28] Alguns dos exemplos escolhidos para introduzir o iniciante aos problemas com detalhes aqui a ser encontrado em K Koch O que é Formgeschichte (O que é Historia das formas), Scribners, NY, 1989.

[29] Literalmente "situação vivencial". A frase alemã tem sido adotada como termo técnico por sempre todos os escritores sobre o assunto.

talvez por carpideiras profissionais. Ou o profeta eleva sua voz diante da comunidade em assembléia, pode ser na corte do santuário. Em tal exemplo, que pode ser multiplicado, onde vê... ***que os gêneros de uma literatura primitiva tem sido distinguido conforme a ocasião diferente da vida”*** [30]**.**

Desde que a individualidade do narrador ou do poeta joga muito mais restrita o papel em que às vezes entre os povos modernos, os gêneros poéticos revelam sua identidade mais particularmente por uma distinta “*linguagem formal*”, e, depois, “*por um tesouro comum de idéias e modos*”. Assim o conto, saga, sermão, e hino pode ter ainda conhecido como tal hoje por um estilo diferente e também um vocabulário comum e varias idéias, se só a porção dela vem aos nossos ouvidos e vistas. Podemos, então, estar conscientes, durante o processo de analise, do fato que no curso do desenvolvimento, e mais particularmente no curso da origem de uma literatura propriamente assim chamada, uma mistura de gêneros toma lugar, e deste modo que podemos guardar-nos contra um procedimento “*purista*”.

Se um gênero é caracterizado pela união da forma e do conteúdo, é claro que a analise literária do estilo pode ter um lugar no processo da análise do gênero literário. A despeito de muitas obras importantes preparatórias – feitas da maior parte, por Herrmann Gunkel, Otto Eissfeldt, Albrecht Alt, G. Hoelscher, e Claus Westermann[31] - podem ser admitidas que a análise estilística do Antigo Testamento esteja ainda no seu inicio. O objeto da analise estilística é a entender “*que a linguagem pode fazer e como ela foi*

[30] Introdução aos Salmos (Einleintung in die Psalmen- tem tradução em Espanhol pela EDICEP), Goettingen, 1933.

[31] Cf H Gunkel/J Begrich. Introdução aos Salmos; O Eissfeldt Os proverbios no Antigo Testamento (Der Maschal im Alten Testament), BZAW, 24, Giessen, 1913; A Alt. As origens da lei Israelita, in: A Terra Prometida, ed Sinodal, 1994. Ver também a obra de G Holscher, de Walter Dietrich. Traditionsgeschichtliche Untersuchungen zum Richterbuch, BBB, Bonn, 1963, e de C Westermann. Los Salmos, Ega, Madrid, 1998.

feita"[32]. A analise estilística pressupõe uma atenção às formas lingüísticas, as palavras, os termos usados, as figuras de expressão, mas é não uma forma exausta de tal modo de observações de estilos.

Fundamentalmente, requer um processo intuitivo de descoberta, e pode, então, proceder de repetir e ler ainda cuidadosamente – que também pode ser lida de outra maneira – no curso de que as peculiaridades definidas no estilo ainda, como foram obstruídas em nossa atenção. Como uma analise estilística pode prover uma contribuição essencial para entender a intenção de um autor é mostrada em Erich Auerbach "*Mímesis*" (em português foi editada pela Editora Perspectiva, São Paulo)[33], uma obra que pode ser recomendada tanto a iniciantes como a estudantes avançados. Aqui no exemplo do relato do sacrifício de Isaque em Gen. 22, é mostrado como a narrativa bíblica tenta não ter um "*sentido mágico*" e então descreve o mundo físico só quando é necessário, *"por causa da moral, religião e o fenômeno psicológico e seu papel concernente feito de forma concreta no assunto sensível da vida"[34].*

"A exigência de Deus ao Senhorio acima dos homens, que é feito nas Escrituras, leva-nos às suas tarefas cotidianas e assim previne a separação do sublime e ordinário". Nesta base a exigência podemos entender as peculiaridades estilística, que Erich Auerbach descreve como ênfase de alguns detalhes e a não ênfase de outros, como *"loucura, efeito sugestivo do inexprimido, alusivo, ambíguo, leveza de detalhes, universalidade da exigência, conceito de desenvolvimento histórico, profundeza da natureza dos problemas"*[35]. Na analise estilística da poesia Hebraica, é essencial notar as explicações nas introduções sentidas com as variedades de tipos de paralelismos (parallelismus membrorum).

---

[32] W Kaiser. Das Sprachliche Kuntswerk, Bern, 1959, p 329. Uma introdução detalhada para os problemas será encontrada aqui.
[33]Garden City, NY, Anchor, 1957
[34] Ibid, p 11.
[35] Ibid, p 19.

Se as categorias poéticas podem se reconhecidas os motivos, a determinação de elementos formais como, isto é, a introdução do *"hino ou eulogia descritiva*", com seu resumo para a adoração. A seção principal, que tem suas razões para isto; e a conclusão, que é frequentemente similar em conteúdo e forma para a introdução. Desde que a poesia Israelita foi em seu turno uma herdeira da cultura antiga oriental, uma forma preliminar de historia cultural e religiosa do mundo em seu redor é básico para a investigação de sua categoria, como é similarmente o caso com o estudo das máximas legais do Antigo Testamento[36].

Pode proceder com circunstancias especiais em determinar as categorias de textos proféticos, desde que os profetas foram usados não somente nas categorias proféticas propriamente assim chamadas, isto é, que a "*ameaça ou o anúncio do juízo*", "*a iniciativa ou a acusação*", "*a promessa*", e a "*destruição*", mas também de outras categorias cúlticas e profanas. A "acusação" é sempre também juntada para o "*anúncio de juízo*"; e a "*destruição*" é juntada com a similarmente a um "*anúncio de juízo* (*ou de salvação*)" para formar um *"anúncio condicional de juízo (ou a promessa condicional*)". Se a adoração sem regras no sentido estrito, as categorias empregadas pelos profetas sempre é classificado por um outro com formas de discurso mencionado acima da forma profética propriamente dita[37]. O expositor pode então ocasionalmente dar um modo de função de um elemento de discurso dentro de uma longa unidade de discurso sob consideração. Está ainda em disputa se os profetas usam somente o breve discurso ou se eles também utilizam

[36] Para as categorias poéticas, cf, para detalhes, em adição às introduçõese comentários aos salmos. H Gunkel/J Begrich. Introducion a los salmos, EDICEP, Madrid, 1996; C Westermann. Los salmos, Ega, Madrid, 1998. Ver a Bibliografia para encontrar nestas obras.

[37] Cf H Gunkel. I Pofeti, Il Mulino, Rome, 1986; C Westermann. Basic form of prophetic Speech, Fortress, Philadelphia, 1998.

os mesmos discursos de formas longas. Esta questão pode realmente ser decidida em geral, mas só em casos particulares.

A parte da historiografia, que pertence ao seu alto ponto – nunca de novo pertence à literatura Israelita – na "*Estória da Sucessão do trono de Davi*", em II Samuel 7-20 e em I Rs 1-2, podem quando os sentidos desta narrativa se estiverem nas categorias da prosa, tem distinguido primeiro de tudo entra as sagas heróicas e as sagas etiológicas. Tomado depois de seu nome o fato que eles tentam responder questões sobre a *aitia* ou a causa de fatos ou acontecimentos já existentes. Ao determinar a categoria e o original *Sitz in Leben* o expositor que discorda do fato que uma estória individual tem sido embebida num longo contexto, para a pesquisa previa tem sido capaz para mostrar que elas não são disputáveis que as estórias rondam o estagio da tradição oral e que sua própria vida inteiramente ainda forma parte junto, no processo complicado, o ciclo da saga que possuímos agora[38].

Que o propósito real e, então, ao mesmo tempo, o *Sitz in Leben* são relativamente fácil estabelecer para categorias poéticas e proféticas, grandes lances é frequentemente necessário distinguir as categorias narrativas. Como fundamento desta tarefa terá a questão ocasionalmente que a classe de pessoas pode ter interesse especial em que é reportado, e que a intuição ou grupo de pessoas podem beneficiá-lo. Aqui a possível localização da estória dada à primeira indicação da pátria da tradição.

Surge então a Crítica da Tradição que independentemente da crítica da forma ou do gênero: para os textos poéticos é necessária à

[38] Depois dos detalhes relevantesdados na introdução, as referencias podem também ser feitas nas descrições das sagas Israelitas em H Gunkel. The legends of Gênesis, Schoken Books, NY, 1964; com uma introdução de W F Albright e a obra de A Jolles. Formas literárias, Cultrix, SP, 1986, que clarifica os conceitos envolvidos e pontos de conexão entre gênero e conteúdo. C Westermann Arten der Erzaehlung in der Gen (A Arte de contar) ThB, 24, Munique, 1964, p 9-91, é também usado.

investigação do modelo da linguagem formal comumente usada no gênero para a expressão de pensamentos particulares e modos, e os textos proféticos são necessários por razões similares. É especialmente desde porções do texto que tem uma forma extensiva do retrabalhamento editorial contém um compendio completo da historia religiosa e literária Israelita. Ao traçar os motivos que tem sido tomado dos profetas das tradições proféticas preservadas no culto, é capaz de abrir uma visão na historia do culto como a sua pré-história de Israel. Ao investigar as adições secundarias e as adições são, talvez, literatura e editorial no sentido estrito, pode ser do tempo dos Macabeus.

Textos Legislativos frequentemente pontua além deles mesmos no caminho próprio. Alguns, são formulados como fundamentos da verdade absoluta, surge a questão de seu Sitz in Leben no culto de Israel. Outros, formulados casuisticamente, refere à comunidade legal de Israel e a administração da justiça *"nas portas".* E, ao mesmo tempo, eles apontam suas raízes na província Cananéia da cultura legal oriental antiga[39]. Finalmente, o problema de como as unidades individuais originais vem a ser como a saga individual achado no caminho do ciclo e então um documento fonte? Como esta fonte documento vem a ser combinado com outros documentos a formar o presente livro ou livros? Como acontece que um desígnio comum pode ser reconhecido em diferentes fontes documentais? Todas estas questões requerem uma resposta da critica da Tradição[40].

Pode ser imediatamente obvio que o fundamento emergente neste caminho depende dos modelos da historia das religiões como da crítica literária. No mesmo caminho, é aparente que esta obra revela novas luzes e são importantes principalmente para a compreensão da pré-história e história antiga de Israel. Toda avaliação de um texto do

---

[39] Para a distinção entre as máximas legais apodíticas e casuísticas, cf A Alt. A Terra Prometida, Ed Sinodal, RS, 1986.

[40] Cf também RGG VI, cols 968ss.

Antigo testamento para a reconstrução da história de Israel permanece amador menos que o texto é examinado então por pontos de partidas da crítica literária, crítica da forma, e crítica da tradição. A mera acumulação de um vasto número de paralelos da historia da religião e cultura não pode se libertar da obrigação de um historiador no assunto de sua fonte à crítica nos sentidos mencionados[41].

Que é real para os resultados obtidos pela crítica literária com a menção de uma obra posterior da crítica da forma e da tradição é assim verdade que a crítica da forma e da tradição lembra os últimos passos da exegese: o interprete tem trazido a ele constantemente em mente quando formulado explicações posteriores, especialmente quando ele é engajado na exegese contextual; isto é, a interpretação de um texto em sua relação a seu contexto. Neste modo de caminho ele é levado às questões impróprias de seu texto e então o curto

---

[41] Como obra básica para o estudo de salmos do ponto de vista da história da tradição mencionamos as seguintes obras: S Mowinckel. Psalmenstudies II, Amsterdam, 1960; S Mowinckel. The Psalms in Israel Worship, Eerdmans, 2005, Michigan; A Weiser. Salmos, Paulus, SP, 1998; H J Kraus. Worship In Israel, Blackwell, Oxford, 1966; H J Kraus. Die Koenigsherrschaft Gottes in Alten Testament, Tubingen, 1951; J Jeremias. Theophanie, WMANT, Neukirchner, Moers, 1965. Para o estudo do Pentateuco e para a tradição historicaos estudos de M Noth. Historia de Israel, Garriga, Madrid, 1976; e elucida a relação entre a critica literária, critica da forma, e da tradição nos estudos históricos atuais. Para os códigos legais comparados os estudos podem ser encontrados em A At. Nota 30. o de M Noth. Las leyes del Antigo Testamento;, in: Estúdios del Antiguo testamento, Sigueme, Salamanca, 1996; Rolf Rendtorff. Die Gesetze der Priesterschrift, Goettingen, 1959; E Gerstenberger. Wesen und herkunft des Sogennaten apodiktischen Rechts im Alten Testament, WMANT, Moers, 1967. Ver também M Noth. Exodus, SCM Press. ; Leviticus, SCM Press; G von Rad tem provido um tratamento básico primário para o problema da ciritca da forma do Hexateuco: El Problema del Hexateuco, Siguem, Salamanca, 1984(vai sair em Português pela Teológica); A Weiser em sua introdução ao Antigo testamento e mais a obra de W Beyerlin Origin and History of the Oldet Sinaitic Tradition, Blackwell, Oxford, 1966, toma a questão de G Von Rad. Um número grande de estudos da critica da tradição no campo da profecia pode ser mencionado como: E Wuerthwein. Amosstudien. Goettingen, 1950; H G Reventlow. Das Amt dês propheten. Goettingen, 1962; H W Wolff. Amos, Fortress Press, 1984; H J Boecker. Redendormen dês Rechtsleben, Moers, 19643 (tem em inglês). H E von Waldow. Der traditionsgeschichtliche Hintergrund der Prophetischen Gerichtreden, BZAW, 85, Berlin, 1963 e E Rohland. Die Bedeutung der Erwaehlungstraditionen Israel, Heidelberg, 1956. Os comentários mais recentes são escritos interiramente do ponto de vista da critica da tradição. Uma historia da religião de Israel deste ponto de partida e encontrado na obra de G von Rad na Teologia do Antigo Testamento, 2 vols, ASTE, SP, 1986.

circuito de sua exegese está em psicologizar, historicizar ou romantizar a interpretação num outro caminho.

6. EXEGESE DA MATÉRIA, CONCEITO DE EXEGESE E EXEGESE CONTEXTUAL.

EXEGESE DA MATÉRIA.

A exegese no seu sentido estrito mostra como o assunto do texto, com os conceitos envolvidos, e com o contexto do qual o texto pertence. Assim os aspectos desta exegese podem ser considerados separadamente, e é conveniente falar delas como exegese da matéria (*Sachexegese*), conceito de exegese (*Begriffexegese*) e de exegese contextual (*Zusammenhangexegese*). Na exegese da matéria, que pode apropriadamente sentir em primeiro lugar, todas as pessoas, instituições, e fatos de varias espécies (isto é, indicações de lugares, arquiteturas, materiais, utensílios, e outros) que são mencionados no texto são notados e identificados. Aqui a situação histórica pressuposta pelo texto é explicada, se precisar ser a forma de um excurso, se direto é encontrado no texto. Nesta obra também, o iniciante pode ter os resultados sugeridos imediatamente por um comentário ou livro de referencia. Então começaremos de novo com o léxico e, se necessário for, investigar outras ocorrências de assuntos ou matérias de assuntos relacionados no Antigo Testamento.

Assim deveremos obter um desenho da situação que, do ultimo ao primeiro, é independentemente levado a ele. Para as pessoas mencionadas ele aproximará com a ajuda do Léxico de Ludwig

Koehler e a literatura especial referida a ele ou com a ajuda de um dicionário da Bíblia[42], determinar a variação dos nomes e os seus significados, e verá as conexões históricas – no caso de nomes Israelitas, na história de Israel. No caso de nomes não Israelitas, na historia de Oriente antigo [43].

A identificação de nomes de lugares bíblicos apresenta um problema especial. Primeiro lugar, as localizações de muitos lugares são ainda discutidas, e segundo lugar, o estudante frequentemente encontrado mesmo na dificuldade se ele vê num Atlas, desde que os nomes bíblicos podem também dar nomes Israelitas e Árabes modernos. Assim, desde que nem sempre tem às vezes seguindo as linhas divergentes de investigação que sugerem a si mesmo no curso de uma tarefa exegética compreensiva, será senão decisiva depende na correção da identificação, liga primariamente na informação de um

[42] A seguir mencionamos em particular a obra de H Haag. Bibellexikon. Zurique, 1950; de Karl Gutbrod. Calwer Bibellexikon, Stuttgart, 1959; de Bo Reicke/ L Rost. Biblisch-Historische Handworterbuch, 2 vols, Goettingen, 1962/65; Interpreters Bible, 1962.

[43] Podemos mencionar a obra M Noth Historia de Israel op cit; J Bright. História de Israel, Paulus, SP, 2004; que toma um diferente fundamento para acessar a pré-história e a história antiga. F M Abel. Histoire de la Palestine, Paris, 2 vols, Gabalda, é mencionado particularmente para os epriodos Heelenisticos e Romano. Uma obra antiga tem de ser de grande atenção R Kittel. Geschichte dês Volker Israel, 3 vols, 1932; E Sellin. Geschichte dês israelitischen volkes, Leipzig, 2 vols, Th H Robinson. History Israel, OUP, Oxford. Como que estas ultimas obras podem, como o assunto de principio, não ser consultados sem compará-los criticamente com as mais recenetes obras de materiais. Para a cronologia de Israel RGG, I, cols 1812ss; RGG, III, cols 942ss. A bibliografia abundante pode ser encontrada aqui. Uma obra sobre a Historia do Antigo Oriente faz justiça para as mais recentes pesquisas. H Schmoeckel. Geschichte dês Alten Vorderasiens, Leiden, 1957; comparar as obras da história do Egito de E Otto Aegypten, Stuttgart, 1953, A Gardiners. Egypt, Oxford, OUP, 1961. Ambos os campos são comparados em A Scharf/A Moortgart. Aegypten, Munique, 1950. Textos do Antigop Oriente para o estudo da História de Israel são encontrados em K Galling. Textbuch zur Geschichte Israel, Tubingen, 1950. Textos relevantes a ambas as religiões e história da cultura é incluída nas seguintes coleções: de Hugo Gressmann. Altorientalische Texte zum Aten Testament, Berlin, 1926; de J B Pritchard. Ancient Near east Texts, Chicago, NJ, 1955; D W Thomas. Documents from Old Testament Times, London, Blackwell, 1958; H Donner. Kanaanaischen und aramaischen Inschriften, 3 vols, Wiesbaden, 1964. Aqui a obra de Hugo Gressmann pode a principio, ser consultado só se não a tradução do texto é encontrada nas mais recentes coleções. Se estamos certos que não tem ver importantes ensaios publicados após o aparecimento das obras mencionadas aqui, pode ser consultado, nisto e todos os assuntos relacionados, Revista Internacional de ciências Bibvlicas (Int. Zeitschriftenschau fur Bibelwissenschaft) que sai desde 1950, listas das mais recentes publicações com comentários breves. Para o que as correntes em adição podem-se examinar as resenhas nos últimos números de ZAW.

dicionário da Bíblia, do Léxico de Koehler, ou uma lista de nomes de lugares no apêndice do livro de Martin Noth ao seu *Comentário ao livro de Josué* (Handuch zum Alten Testament, 7, Tuebingen, 1953, p 141-151)[44]. Pode também ser dito que os lugares vistos neste caminho podem ser identificados no mapa[45].

Para informação sobre tais fatos como a arquitetura, utensílios, e cerâmicas, retomaremos primeiro ao *Léxico Bíblico* de Kurt Galling[46] (Bibliches Lexikon) e depois de dicionários da Bíblia mencionados na nota 41, acima. Para completa compreensão dos fundamentos feitos aqui, certo modo básico com métodos arqueológicos e resultados são pré-requisitos. Uma discussão de Martin Noth "*O Mundo do Antigo Testamento*" (Old Testament World - tem uma versão em espanhol da Ediciones Cristiandad)[47], na obra de H J Franken/ C A Franken Battershill[48] "Princípios de arqueologia do Antigo Testamento (Primer of Old Testament Archaeology) e outras obras mais[49]. Uma descrição de aspectos concretos da vida no tempo do Antigo Testamento é dado por F Noetscher em sua obra "*Antiguidades Bíblicas*" (Biblische

[44] Uma introdução à Geografia da Palestina é dada por M Noth em O mundo do Antigo Testamento; as questões básicas da geografia histórica são tratadas na mesma obra nas p 49-104. As obras seguintes sobre este assunto podem ser mencionadas: Dennys Baly The Geographical of the Bible, NY, 1957; F M Abel. Geographie de la Palestine, Paris, 2 vols 1938; M du Buit. Geographie de la terre Sainte, Paris, 1958; J Simmons. The geographical and Topographical Texts of the Old Testament, Leiden, 2959. A obra de Simmons e de Abel o Segundo volume são indispensáveis para a obra cientifica

[45] Em adição aos Atlases da Bíblia agora avaliáveis no Mercado. L Grollenberg. Atlas da Bíblia (em espanhol), G E Wright. Atlas da Bíblia, VVAA. Oxford Atlas da Bíblia, H G May Atlas da Bíblia, OUP, 1962; H Guthe Bibelatlas, Leipzig, 1926 é ainda de grande valor independente. Desde que os atlases são só uma seleção de nomes de lugares Árabes e Israelitas ou não os indicam, frequentemente é necessário referir o mapa padrão para a busca da Palestina, Jordão, Israel, que pode agora ser obtida sem dificuldade.

[46] HAT, 1, Tubingen, 1937.

[47] 1962, p 96-164.

[48] Leiden, 1963.

[49] Aqui podemos mencionar as descrições gerais de W F Albright, Arqueologia da Palestina, Garriga, Madrid, 1964; G E Wright, Arqueologia Bíblia, Cristiand, 1984; K M Kenyion. Arqueologia Bíblica, Madrid, 1976; A G Barrois. Manuel d archeologie biblique, Paris, 2 vols, 1954. A serie de estudos de Arqueologiade André Parrot, Garriga, Madrid, 1974, tem também sido usada sempre existeiu um grande circulo de leitores. O volume IV de A Montet Ancient Egypt foi muito criticado por H Brunner AfO 20, 1963, p 63. Sobre o problema histórico a avaliação de descobertas arqueológicas a obra básica é de M Noth Aruqeologia de Israel, in: SVT, 7, 1960, p 262-282.

Altertumskunder)[50] como no livro de Martin Noth em seu "*Mundo do Antigo Testamento*"[51]. Na ultima obra só a contribuição da arqueologia é tomado neste relato. Gustaf Dalman "*Trabalho e lugares na Palestina*" (Arbeit und Sitte in Palestine – Volumes I-VII, Gutersloh, 1928 a 1941 – tem uma tradução abreviada em Inglês) será encontrado material indispensável sempre.

Para o modelo de material das Instituições do Antigo Testamento a obra de Roland de Vaux "*Antigo Israel*" (esta obra tem tradução espanhol pela Ediciones Cristiandad)[52] é também utilizada. A primeira parte mostra a organização do estado e a família, que no segundo detalhe dos estabelecimentos militares e cúlticos são descritos. Na coleção de material em todos os assuntos conectados com a religião podem sempre empregar as obras padronizadas sobre o Antigo testamento, não há designação de referencias de obras especializadas[53]. Quando preparar um escrito da relação da exegese de um texto do ponto de vista de seu assunto nesta matéria – como que, depois, da correspondente exegese conceitual – pode-se incluir somente que é imediatamente necessária para a compreensão do texto e de seu fundamento. Se mais a explicação extensiva de um achado é necessário, ou se uma decisão pode ser dada entre o ponto conflitante de vista, será ainda mais apropriada com os escorços.

CONCEITO DE EXEGESE.

[50] Bonn, 1940.

[51] P 145-179.

[52] W Eichrodt. Teologia do Antigo Testamento, Hagnos, 2005. G von Rad, teologia do Antigo testamento, 2 vols, ASTE, SP, 1978, Th C Vriezen. An Outline of the Old Testament Theology (Um esboço de Teologia do Antigo Testamento), Oxford, Blackwell, 1958.

[53] J Barr. The Semantic of Biblical Language (A semântica da linguagem Bíblica), NY, OUP, 1961, enfaticamente contra a confusão semântica, etimológica e as interpretações falsas teológicas de Th W N T de Kittel.

O conceito de exegese, que segue depois, envolve a exata compreensão do conteúdo de idéias e outros modos teológicos. Praticamente falando, esta tarefa é também fundada com a ajuda do dicionário e a concordância Hebraica. Como no caso do procedimento destes passos da exegese, a literatura secundaria é usada só após a interpretação tem formada uma opinião de si mesma, como que provisória. Assim, em primeiro lugar, paralelos encontrados na mesma fonte, no mesmo *escrito fundamental* (Grundschrift), ou no mesmo estrato são considerados, e então – em segundo, terceiro e quarto lugares – considerações são dadas a paralelos que ocorrem em aproximadamente na literatura posterior. Neste caminho, é dado num caso, pode em visão não só relacionar e contrastar paralelos os conceitos, mas também suas persistências dentro do gênero particular, dada à atenção especial a nuancem nos conceitos, que pode surgir quando é relacionado agora com um, ou com outro gênero.

Métodos usados no estudo da historia das idéias e a historia da tradição pode ser livremente adaptado e aplicado aqui assim que o significado preciso de um conceito dentro do texto considerado acima pode ser mostrado exatamente como possível. Ao certo, pode não tornar absorvido na investigação histórica que mostra o significado do contexto imediato, que pode ser decisivo[54]. Se os paralelos podem ser acrescentados na historia não Israelita, na religião e na cultura, o resultado pode ter sido modificado ou muito tomado do significado especial – um fato que é também importante para o assunto da exegese.

Temos agora a questão da pesquisa à nossa disposição. A necessidade primaria é enfatizar explicitamente que os Dicionários da Bíblia [55] e as obras da Teologia do Antigo Testamento[56] podem ser usadas com o proveito no conceito de exegese. Como que, isto é o

---

[54] Cf acima nota 41.
[55] Cf acima 52
[56] Cf abaixo nota 12.

lugar apropriado a recomendar o “Dicionário Teológico do Novo Testamento” (Theological Dictionary of the New Testament – 12 volumas agora existe o Dicionário Teológico do Antigo Testamento editado por E Jenni 14 volumes e o de J Botterweck 2 volumes) de Gerhard Kittel[57], que, ao menos para o conceito central, traça a pré-história do Novo Testamento no Antigo Testamento e por esta razão é uma fonte indispensável para a exegese do Antigo testamento como um todo. Na obra cientifica independente a consulta desta obra pode, de novo, ser colocada depois até na própria investigação tem sido completada. Não que uma obra cientificamente é dada a realização que nossos pais viram assim como tal e que mais frequentemente fizemos. Como que, torna um costume depender da obra de outros não só deixa a fundamentação pobre para questionar uma nova e original questão, mas também priva a si mesmo da experiência necessária para uma outra futura obra.

Uma vez mais o iniciante encontra a sua orientação primaria em lembrar o comportamento religioso do Antigo testamento em Martin Noth “O mundo do Antigo Testamento” [58]. A obra editada por Hans Schmoeckel “Historia Cultural do Antigo Oriente: Mesopotâmia, Hititas, Síria – Palestina, Urartu” (Kulturgeschichte des Alten Orients: Mesopotamien, Hethiterreich, Syrien-Palestine, Urartu). Esta obra foi editada por Hans Schmoeckel com as colaborações de H Otten, Victor Maag e Th Beran[59], e o livro de Cyrus Gordon “O Mundo do Antigo Testamento” (World of the Old Testament)[60] pode ser mencionado aqui. Assistência similar é provida, dos pontos especiais de vista indicada em seus títulos, pelas obras de William Foxwell Albright “Da Idade da Pedra ao Cristianismo” (From the Stone Age to Christianity – esta obra tem uma antiga edição em espanhol)[61] e de outra obra sua

[57] Pp 278-297
[58]Kronen, 298, Stuttgart, 1961.
[59]NY, 1960.
[60] Baltimore,1946
[61] Ibid.

sobre “Arqueologia e a Religião de Israel” (Archaeology and the Religion of Israel)[62].

Podemos experimentar algo da compreensão da vida que foi caracterizado das religiões do antigo oriente tomaremos primeiro de tudo um importante livro de H/H A Frankfort/John A. Wilson/ Th Jacobson “A Aventura Intelectual do Homem antigo” (The Intelectual Adventure of Ancient Man)[63], em adição a que – parcialmente para suplementação e para a correção do que é dito aqui sobre as relações da mesopotâmia – podemos mencionar o ensaio “Vida na Antiga Mesopotâmia” (Altmesopotamisches Lebensgefuehl)[64] por F. R. Kraus. Como uma introdução da religião Egípcia é nomeada, em acréscimo a obra de H A Frankfort “Religião do Antigo Egito” (Ancient Egyptian Religion)[65] ou a obra de Jean Vandier “A Religião Egípcia” (La religion Egyptienne)[66], acima de tudo a obra de Siegfried Morenz “Religião Egípcia” (Aegyptische Religion)[67] e a de H. Kee “Egito” (Aegypten)[68] e o livro de H Bonnet “Léxico de Historia da religião Egípcia” (Reallexikon der aegyptischen Religionsgeschichte)[69] pode ser mencionada como uma obra de historia cultural e o mais detalhada obra de referencia, respectivamente. Uma introdução à literatura Cananéia, da religião e da cultura, como que são reveladas nos textos descobertos em Ras Shamra (Ugarit) é dado por John Gray “O Legado de Canaã” (The Legacy of Canaan)[70].

---

[62] Chicago, 1946.
[63] JNES, 19, 1960, p 117-132.
[64] NY, 1949.
[65] Paris, 1949.
[66] RM, Stuttgart, 1960.
[67] HAW, III, Munique, 1933.
[68] Berlin, 1952.
[69] SVT, 5, 1957. Na medida limitada por seu assunto especial como propósito similar o livro de Otto Kaiser. Die Mythische Bedeutung des Meeres in Aegypten, Ugarit, Israel (A Interpretação mítica do Mar no Egito, Ugarit e Israel), BZAW, 78, Berlin, 1962; e para a bibliografia posterior é dado em: W Schmidt. Koenigtum Gottes im Ugarit und Israel (Reinado de Deus em Ugarit e Israel), BZAW, 80, Berlin, 1960.
[70] Na Or, 35, Roma, 1955

Desde que as diferenças lingüísticas entre o Hebraico e o Ugarítico não é tal que eles proíbem a descoberta de palavras paralelas e expressões, referencias exp0licitas podem ser feitas na gramática, dicionários, e textos na obra compreensiva de Cyrus Gordon "Manual de Ugarítico" (Ugaritic Manual)[71]. Entre as traduções avaliáveis dos textos Ugaríticos são as obras de C Gordon "Literatura Ugarítica" (Ugaritic Literature)[72], a obra de H L Ginsberg "Mitos, Épicas e Lendas Ugaríticas" (Ugaritic Myths, Epics, and Legends)[73] e a obra de George R Driver "Lendas e Mitos Cananeus" (Canaanite Myths and Legends)[74], a obra de O. Aistleitner "Textos Cúlticos e Mitologias de Ras Shamra"[75], a obra de Anton Jirku "mitos Cananeus e Épica de Ras Shamra – Ugarit" (Kananaeische Mythen und Epen aus Ras Schamra-Ugarit)[76]. Uma forma compreensiva da historia, cultura e religião dos Hititas é provido na obra de A Goetze "Ásia Menor" (Kleinasien)[77]. A obra de Eduard Dhorme/ René Dussaud 'As religiões da Babilônia e da Assíria" (Le Religions de Babylonie et dAssyrie); "As Religiões dos Hititas e dos Hurritas, dos Fenícios e dos Sírios" (Le Religions dês Hitites, de Hourrites, dês Fenicies et de Syriens)[78], vemos com a religião dos povos semitas tanto do Oriente como do Ocidente, como que a religião dos Hititas são semelhantes. A obra no volume "Historia da religião do Antigo Oriente (Religionsgeschichte des Alten Orient), na coleção "Manual de Orientalítica" (Handbuch der Orientalistik)[79] tem o mesmo escopo.

[71] Roma, 1949
[72] ANET, p 129-155.
[73] OS, 3, Edinburgh, 1956
[74] BOH, 7, Budapest, 1959.
[75] Guetersloh, 1962
[76] HAW, I, Munique, 1957.
[77] Paris, 1949.
[78] I,8, I, 1, Leiden, 1964, com a contribuição das religiões do Antigo Testamento, Egito, Canaã, Ugarit, Anatólia, por E Otto/Otto Eissfeldt/H Otten/J Hempel.
[79] Heidelberg, 1925

Para o campo da mesopotâmia “Babilônia e os Assírios” a obra de B. Meissner (Babylonien und Assyrien) em dois volumes[80] que pode ainda ser usado com muito proveito apesar de sua idade.

Nesta conexão podemos também mencionar os Atlases ilustrados, qual importância, como seus títulos indicados, é por não significar limitação ao estudo da historia da religião. O livro de Hugo Gressmann “Figuras do Antigo Oriente para o Antigo Testamento” (Altorientalische Bilder zum Alten testament)[81], e a obra de John B. Pritchard “Antigo Oriente em figuras” (Ancient Near East in Pictures) [82] podem ser lembradas como obras padronizadas, e estas tem a atenção principal para alem do Antigo Testamento. Em adição a obra de Martinus A. Beek que é excelente obra “Atlas da Cultura Assírio-Babilonica” (Bildatlas der Assyrisch-Babylonischen Kultur) [83], podemos ainda mencionar mais contribuições especializadas de M. Rienschneider, H Schmoeckel, W Wolf, H H von der Osten e de A Jirku, que mostram com outros os Hititas, Ur, Assur, Babilônia, o mundo dos Egípcios, dos Persas e do Antigo Testamento. Esta obra apareceu na serie “Grandes Culturas da Antiguidade” (Grosse Kulturen der Fruehzeit)[84]. A nota pode ser feita aqui a dois livros textos (manuais) da historia da religião, como que aparece no título “Cristo e as Religiões da terra” (Chritus und die Religionen der Erde); primeiro, os dois volumes editados por Chapentie de la Saussaye (a 4ª edição foi feita por Alfred Bertholet e por E Lehmann, 1925)[85]; a outra edição, em três volumes, foi publicada por F. Koenig [86].

Finalmente, o exegeta examinará os detalhes separados e as combinações de detalhes de novo e outra vez o fenômeno que se manifesta nela, a estrutura básica da experiência religiosa e

[80] Berlin, 1954
[81] Princeton, NJ, 1954
[82] Guetersloh, 1961
[83] Stuttgart, 1955ss.
[84] Tubingen.
[85] Freiburg, 1961.
[86] London, Allen, 1938.

comportamento. Para este propósito precisará fazer uso da obra de Gerhard van der Leeuw "Religião em Essência e Manifestação" (Religion in Essence and Manifestation – existe uma edição em espanhol feita pelo Fundo de Cultura Econômica do México)[87]. O fundamento fenomenológico facilita a comparação e compreensão do fenômeno que é aparentemente ou atualmente diferente, desde que envolve o modo da multiplicidade de detalhes concretos para os caminhos fundamentais de comportamento interligando-os. O modo explícito pode ser dado do perigo de ser esquecido pelas similaridades estruturais na forma radical diferente que pode surgir entre os fenômenos que a primeira vista tem paralelos inteiros, desde que o modo que as idéias sobre o significado de vida podem ser divididas por profundas dissimilaridades.

A existência deste perigo, que é reconhecido por todos os especialistas no campo da religião, não justifica o veredicto final sobre o método como tal[88]. Em minha opinião, não há duvida a assistência definitiva em construir uma ponte do texto pertencente ao passado distante às questões vivas que ela reflete. Desde que toda compreensão do processo resta o pensar alienante, na analise final, nos argumentos baseados na analogia, a compreensão do modelo humano é facilitado e a metodologia usada por uma interpretação existencial no grau em que eles aparecem alienar em primeiro lugar, próprio de sua concretude, corpo histórico de idéias. Em conseqüência da estrutura básica comum do fato, podemos de novo compreender algo do não usual se podemos compará-lo com nossos próprios caminhos modernos de comportamento e que a nossa própria compreensão do universo. Somos compelidos a ir e perguntar se e com que direito às evidencias do passado da existência humana, que temos em todos os documentos religiosos, colocam nossa própria conduta e nossa própria compreensão de nós mesmos e de nosso

[87] Stuttgart, 1960

[88] Desde a questão da fenomenologia como tal não é entendida aqui, a referencia pode ser feita à exposição sistemática de G van der Leeuw, p 768ss.

mundo em questão. Só este ponto tem a exegese colocada em sua própria meta, desde que, a *exegese bíblica*, é concernente a nos fazer, hoje, a procurar a ajuda que as evidencias do passado tem sobre nós. Em nosso procedimento poderá de fato a interpretação existencial separada do conceito de exegese própria e que junta com ou a exegese contextual que se segue.

EXEGESE CONTEXTUAL.

Na exegese contextual todos os passos prévios exegéticos fazem sua contribuição, direta ou indiretamente. A *crítica textual* tem só estabelecido o texto que agora será explicado em suas nuances internas. A *crítica literária* tem revelado sua estratificação nas camadas diferentes no curso da preparação da analise estrutural, junto com as relações internas das *cenas* separadas ou das partes da narrativa. A *crítica da forma* tem determinado o gênero, os fatores lingüísticos distintos, e o *Sitz in Leben*. Mais, a *análise estilística* tem também dado um preliminar, mas importante indicação do propósito do autor, circunstâncias de tempo e lugar, e outros detalhes, que não são inteligíveis na partida, foi explicado em assunto da exegese.

A *exegese contextual* tem a luz na pressuposição intelectual que é tomado para formar no texto e também "o fundamento de que a expressão sob consideração tem emergido" [89] . Na exegese contextual todos os passos preparatórios precisam ser trazidos à mente. E agora, na exposição continuada, em que o texto sob consideração é, onde, faz viver de novo, eles encontram a sua finalização. Só quando a obra de uma analise detalhada é seguida por uma síntese vital genuinamente pode a obra de a exegese ser lembrada como terminada. Se o exegeta faz seu trabalho com a

[89] Cf. acima nota, 4.

interpretação existencial ou como o estabelecimento do escopo ou ajuda de um texto dependerá longamente das características do texto em consideração.

O interprete pode sempre estar em guarda contra a leitura para mais ou menos no texto: por um lado, pode tomar cuidado não impor uma interpretação teológica sobre o texto profano, e por outro, pode não prematuramente declarar um texto religioso ser de não valor. Nesta conexão pode ser pontuada que o texto que e de si mesmo é profano tem, como resultado de ter sido embebido num longo contexto narrativo ou no mero fato de sua recepção no cânon do Antigo Testamento, recebido o significado teológico que ele está em todo caso essencial a ser descoberto. E assim aparece que não só a investigação do contexto, do relacionamento do assunto da matéria de um texto do material que precede e segue, mas também suas posições canônicas podem prover uma contribuição importante para completar a compreensão do texto e sua história.

7. O ANTIGO TESTAMENTO E A TEOLOGIA.

O Antigo Testamento é primeiramente a Escritura Sagrada da Sinagoga. A exêgese crítica histórica tem atrás a compreensão secundaria do texto, vê a descoberta de seu sentido original. Na luta do pensar do pensar sistemático, a interpretação existencial tem descoberto a auto-compreensão do autor – tal como as coisas admitem a descoberta – ou da comunidade, em que a vida intelectual e espiritual tem sido aplicada. Para a avaliação da ajuda surge no texto, o caminho em que o exegeta entende-se é na última análise decisiva. Que é, se ele pensa de si mesmo sobre Deus, o Senhor do futuro, que não está em sua disposição, ou como tem o mundo à sua disposição.

O texto bíblico o chamará para formar a auto-compreensão. Como Cristão ele será, ao certo, ter perguntado como a ajuda surge pela palavra do Antigo Testamento que está relacionada a uma Palavra de Deus testemunha para o Novo Testamento, de que foi manifestado em Jesus Cristo. O teólogo Cristão, então, pode ver a testemunha do Antigo Testamento na luz de que o Novo Testamento, e que a testemunha do Novo Testamento, em seu turno, na luz da história da Igreja e na sua formulação do credo fundamenta, que o assistirá em encontrar o verdadeiro centro da Escritura.

Mais tais credos e as próprias confissões sempre precisam ter sua Escritura testada de novo pela Escritura Sagrada, está claro que algo mais e alguma outra coisa está envolvida aqui do que o exame formalista, em que nossos textos do Antigo Testamento funcionam como foi acusado, no veredicto é pronunciado na base do Novo testamento e os credos. Na base do Novo Testamento e os credos certamente serão possíveis chegar à crítica prática de certas noções do Antigo Testamento em sua forma original.

Pode só ser forte contra uma compreensão prematura do Antigo Testamento em acordo como esquema tradicional, talvez que o Antigo Testamento como *lei* e o Novo Testamento como *Evangelho* ou a forma do Antigo Testamento como *promessa* e o Novo Testamento como *cumprimento*. Como o assunto do principio de ventura a dizer *Não* ao Antigo Testamento só quando o significado completo de Sim for entendido. Se não chega a sua compreensão que podemos chamar sua própria teologia na questão alias do que o Antigo Testamento, desde que o Deus de Jesus Cristo foi o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó (Mc 12,26ss). A unidade do povo de Deus no tempo fará a si mesmo manifesto, numa fé em Deus como o fundamento da possibilidade e necessidade de nosso ser.

Assim pode ser claro: Só a pesquisa de toda historia da fé religiosa e só a pesquisa teológica como uma disciplina especializada, que faz sua unidade ultima conhecida, e a palavra que tem sido formada à luz pela crítica histórica a ser transformada na palavra paralela que pode ser proclamada hoje no nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo atualmente permanecem atrás da palavra que exige fazer não o método pode então ou por qualquer compelir o significado, o espírito "*sopra onde quer*" (Jó 3,8).

Como que sabe ser que é dependente do testemunho do pai da fé como o testemunho correto para o Deus vivo conhece, então, que o evento que as palavras atestam não é a si mesma atestada. Mas também, ao mesmo tempo, sabe que seu conhecimento não o liberta da tarefa dos pais. Ou, colocar de outra forma, se rejeita a interpretação fortalecida pela crítica literária deixa a historicidade da revelação em Jesus Cristo, que o Deus foi o Deus de Abraão, Isaque e Jacó[90].

---

[90] Cf. B S Childs, Interpretação na fé, in: Int, 18, 1964, p 440ss.

8. APÊNDICE I (Passos para fazer uma exegese).

A. Escolher um texto.

a. Ver os paralelos no Antigo Testamento.
b. Ver os paralelos e semelhanças ou citações no Novo Testamento.
c. Ver os paralelos e complementos nos livros Apócrifos.

B. Delimitar o texto.

a. O texto original em Hebraico ou Aramaico.
b. Ver as traduções mais antigas dos Textos: LXX, Vulgata, Peshita, Siríaca, etc.. Ver as traduções e auxílios para as traduções, Manuais de tradução, e outros auxílios.
c. No texto ver: o Pré-texto, o Texto e o pós-texto para conhecer o contexto.

C. Crítica Textual.

a. Aparato Crítico.
b. Variantes.
c. E as diferenças e semelhanças nos textos da: TM, LXX, V.

D. Análise Textual.

E. Crítica Literária ou das Fontes.

F. História das formas.

G. História da Tradição.

H. Conceitos e Motivos Religiosos e Teológicos no Texto.

I. Conceitos e Motivos Sociais no Texto.

J. História da Redação.

K. Exêgese Latino - Americana.

9. APÊNDICE II (Complemento Bibliográfico).

i. Arqueologias Bíblicas.

MAZAR, Amihai. Arqueologia da Palestina, Paulinas, São Paulo, 2003.

POE, Jose Tomas (ed.) *Diccionario biblico arqueologico*. El Paso: Editorial Mundo Hispano, 1993.

PRITCHARD, James B. *La arqueología y el Antiguo Testamento*. Buenos Aires, EUDEBA, 1962.

SOTELO, Daniel. Arqueologia Bíblica, Editora Novo Século, São Paulo, 2002.

UNGER, Merrill F. *Arqueologia do Velho Testamento*. São Paulo, Imprensa Batista Regular, 1980.

WRIGHT, George Ernest. Arqueologia Bíblica, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1998.

YAMAUCHI, Edwin. *Las excavaciones y las escritura*. Buenos Aires, Casa Bautista de Publicaciones, 1977.

ii. Historias de Israel.

ALBERTZ, Rainer. *Historia de la religión de Israel en tiempos del Antiguo Testamento*. Madrid, Trotta, 1999. 2 v.

ALT, A. *Terra Prometida*. Ensaios sobre a História de Israel. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

BALANCIN, Euclides Martins. *História do Povo de Deus*. São Paulo: Paulus, 1989

BRIGHT, J. *História de Israel*. São Paulo: Paulus, 2003.

CARDOSO, C. F. *Sete olhares sobre a Antigüidade.* Brasília: Editora da UnB, 1994.

CARDOSO, C. F. *Antigüidade oriental:* política e religião. São Paulo: Contexto, 1990.

CARDOSO, C. F. *Trabalho compulsório na Antigüidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

CARDOSO, C. F. *Sociedades do Antigo Oriente Próximo.* São Paulo: Ática, 1986.

CASTEL, François. *Historia de Israel y de Judá*: desde los orígenes hasta el siglo II d.C. Estella, Editorial Verbo Divino, 1992

CAZELLES, H. *História Política de Israel.* São Paulo: Paulinas, 1986.

CÉSAR, Éber M. Lenz. *História e Geografia Bíblica*. São Paulo, Candeia, 2002

CLEMENTS, R. E. (ed.) *O Mundo do Antigo Israel*: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*.* São Paulo: Paulus, 1995.

de VAUX, R. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

DE VAUX, R., *Historia Antigua de Israel* I-II. Cristiandad, Madrid, 1975.

DONNER, H. *História de Israel e dos povos vizinhos*. São Leopoldo: Sinodal -IEPG/Petrópolis: Vozes, 1997, 2v.

DREHER, Carlos A. *A constituição dos Exércitos de Israel*, São Leopoldo: CEBI, 2002

ECHEGARAY, J. G., *O Crescente Fértil e a Bíblia*, Petrópolis, Vozes, 1995.

ELIADE, M. *História das Crenças e das Idéias Religiosas*, I/2. Zahar Editores: Rio de Janeiro, 1978.

FARIA, J. de F. *História de Israel e as pesquisas mais rec*entes. Petrópolis, Vozes, 2003

FINKELSTEIN, Israel & SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha Razão*. São Paulo, A Girafa Editora, 2003

FOHRER, G. *História da Religião de Israel.* São Paulo: Paulinas, 1982.

GALBIATI, E. & ALETTI, A. *Atlas histórico da Bíblia e do Antigo Oriente*. Da pré-história à queda de Jerusalém no ano 70 d. C., Petrópolis, Vozes, 1991.

GARBINI, Giovani. Ideologia e Historia, Editorial Critica, Madrid, 2005

GARELLI, P. & NIKIPROWETZKY, V. *O Oriente Próximo Asiático.* São Paulo: Pioneira/Edusp, 1982. 2 v.

GASS, Ildo Bohn (org.) *Exílio babilônico e dominação persa*. São Leopoldo, CEBI; São Paulo, Paulus, 2004

GASS, Ildo Bohn (org.) *Formação do Império de Davi e Salomão*. São Leopoldo, CEBI; São Paulo, Paulus, 2003

GASS, Ildo Bohn (org.) *Formação do povo de Israel: Primeiro Testamento*. São Leopoldo, CEBI; São Paulo, Paulus, 2002

GASS, Ildo Bohn (org.) *Reino dividido*. São Leopoldo, CEBI; São Paulo, Paulus, 2003

GIBERT, Pierre. *A Bíblia Na Origem da História*. Paulinas, 2001.

GOTTWALD, N. K. *Introdução Sócioliterária à Bíblia Hebraica.* São Paulo: Paulus, 1992.

GOTTWALD, N. K. As tribos de Iahweh. Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a. C., São Paulo, Paulus, 1986.

GUNNEWEG, Antonius H J. Historia de Israel, Teológica, São Paulo, 2005.

HAAG, Herbert. *El país de la Biblia*: geografía, historia, arqueologia. Barcelona, Herder, 1992

HERRMANN, S. *Historia de Israel en la época del Antiguo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 1979.

HOUTART, F. *Religião e modos de produção pré-capitalistas*. São Paulo: Paulinas, 1982.

KIPPENBERG, H. *Religião e formação de classes na antiga Judéia*. São Paulo: Paulinas, 1988.

LAMADRID, Antonio González. *As tradições históricas de Israel*: introdução à história do Antigo Testamento. Petrópolis, Vozes, 1999

LIVERANI, Mario. Historia de Israel. Editorial Crítica, Madrid, 2004.

LÉVÊQUE, P. *As primeiras civilizações*: a Mesopotâmia & os Hititas. Lisboa: Edições 70, 1990.

McKenzie, Steve. El rey David. Editorial Nueva, Madrid, 2005.

MERRILL, Eugene H. *História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: CPAD, 2001

MESQUITA, Antônio Neves de. *Povos e nações do mundo antigo*: uma história do Velho Testamento. Rio de Janeiro: Hagnos, 2002

METZGER, M. *História de Israel.* São Leopoldo: Sinodal, 1981.

MILLARD, Alan. *Descobertas dos Tempos Bíblicos*. São Paulo: Vida. 1999

NOTH, M. *História de Israel*. Barcelona: Garriga, 1966.

NOTH, Martin. *El mundo del Antiguo Testamento*: introducción a las ciencias auxiliares de la Biblia. Madrid, Ediciones Cristiandad, 1976

OTZEN, Benedikt. *O judaísmo na Antigüidade*: a história política e as correntes religiosas de Alexandre Magno até o imperador Adriano. São Paulo, Paulinas, 2003

PACKER, James I.; TENNEY, Merril C. & WHITE, William (eds.) *O mundo do Antigo Testamento*. São Paulo, Editora Vida, 1988

PEREGO, Giacomo *Atlas Bíblico Interdisciplinar*. São Paulo: Paulus,v2001

PIXLEY, J. *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1989.

RAVASI, Gianfranco. *A narrativa do céu:* as histórias, as idéias e os personagens do Antigo Testamento. São Paulo, Paulinas, 1999

REICKE, Bo. *História do tempo do Novo Testamento*: o mundo bíblico de 500 a.C. até 100 d.C. São Paulo, Paulus, 1996.

SACHI, Paolo. Historia del Judaísmo, Trotta, Madrid, 2004.

SACHAR, Howard M. *História de Israel*. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1989

SCHMIDT, F., *O Pensamento do Templo de Jerusalém a Qumran. Identidade e laço social no judaísmo antigo*, São Paulo, Loyola, 1998.

SCHULTZ, Samuel J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo, Edições Vida Nova, 1977

SCHWANTES, Milton. *História de Israel: dos inícios até o exílio*.Rio de Janeiro, CEDI, 1992

SCHWANTES, M. *História de Israel*: local e origens. São Leopoldo: EST, 1984 (polígrafo).

SHAFER, B. E. (org.) *As religiões no Egito Antigo*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

SOGGIN, Jose Alberto. Nueva Historia de Israel. Editorial Desclee, Bilbao, 2001

THIEL, W. *A sociedade de Israel na época pré-estatal*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulinas, 1993.

WILSON, R. R. *Profecia e Sociedade no Antigo Israel.* São Paulo: Paulus, 1993.

VV. AA. *Atlas Vida Nova*. Da Bíblia e da História do Cristianismo. São Paulo: Vida Nova, 1997.

VV. AA. *Atlas Bíblico*. São Paulo: CPAD, 1999.

VV. AA. A *criação e o dilúvio*: segundo os textos do Oriente Médio Antigo. São Paulo, Paulus, 1990.

VV. AA. *As festas judaicas*. São Paulo, Paulus, 1997.

VV. AA. *Preces do Oriente Antigo.* São Paulo, Paulus, 1985.

VV. AA. *Israel e Judá*. Textos do Antigo Oriente Médio. São Paulo: Paulus, 1985.

iii. Introduções ao Antigo Testamento.

BENTZEN, Aage. Introdução ao Antigo Testamento, ASTE, São Paulo, 1984.

HOMBURG, Klaus. Introdução ao Antigo Testamento, Editora Sinodal, São Leopoldo, 1982.

REDNTORFF, Rolf. Introdução ao Antigo Testamento, Teológica, São Paulo, 2006.

SCHMIDT, W H. Introdução ao Antigo Testamento, Editora Sinodal. São Leopoldo, 1998.

SELLIN, E/Georg FOHRER. Introdução ao Antigo Testamento, Paulus, São Paulo, 1996.

iv. Teologias do Antigo Testamento.

BRUEGGEMANN, Walter. Teologia do Antigo Testamento, Academia Cristã, São Paulo, 2006.

EICHRODT, Walter. Teologia do Antigo Testamento, Hagnos, Rio de Janeiro, 2004.

GERSTENBERGER, Erhard. Teologia do Antigo Testamento, Editora Sinodal, São Leopoldo, 2006.

GUNNEWEG, Antonius H J. Teologia Bíblica do Antigo Testamento, Teológica, São Paulo, 2005.
SMITH, Ralph L. Teologia do Antigo Testamento, Vida Nova, São Paulo, 2001.
WESTERMANN, Claus. Teologia do Antigo Testamento, Paulus, São Paulo, 1990 (tem uma edição nova pela Academia Cristã).
ZIMMERLI, Walter. Teologia do Antigo Testamento, Editora Academia Cristã. São Paulo, 2006.

v. Exegeses do Antigo Testamento.

FRANCISCO, E.F. Manual da Bíblia Hebraica. Vida Nova, São Paulo, 2006.
GABEL, J.B. A Bíblia como Literatura, Loyola, São Paulo, 1993.
MAINVILLE, Odette. A Bíblia à luz da Historia, Paulinas, São Paulo, 2002.
VVAA. Vademecum para o estudo da Bíblia, Paulinas, São Paulo, 1999.
VVAA. Formas e Exigências do Antigo Testamento, Teológica, São Paulo, 2003.
VVAA. Metodologia do Antigo Testamento, Loyola, São Paulo, 2000.
VVAA. O Midraxe. Paulus, São Paulo, 1996.

vi. Hermenêuticas do Antigo Testamento.

GUNNEWEG, Antonius H J. Hermenêutica do Antigo Testamento, Editora Sinodal, São Leopoldo, 2004.

vii. O Mundo do Antigo Testamento.

CLEMENTS, R.E. O Mundo do Antigo Testamento. Paulus, São Paulo, 1998.

NOTH, Martin. El Mundo del Antiguo Testamento, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1996.

SCHARBERT, Josef. O Mundo da Bíblia, Editora Vozes, Petrópolis, 1965.

VVAA. Israel e Judá, Paulus, São Paulo, 1995.

VVAA. El Mundo de la Bíblia, UPCo, Madrid, 2005.

viii. Concordâncias do Antigo Testamento (em Hebraico) e do Grego e em Português da Bíblia.

LISSOWSKI, G. Hebrew and English Concordance, Stuttgart, SBU, 1986.

WIGRAM, G. The New Englishmans Hebrew Concordance, Hendrickson, Massachussetts, 1984.

ix. Textos no original e em Português.

KITTEL, R. Bíblia Hebraica, Stuttgart, SBU, 1998.

HUEGGER, H P Biblia Stuttagartensia, Stuttgart, SBU, 2002.

VVAA. Antigo Testamento Poliglota, Vida Nova, São Paulo, 2003.

x. Dicionários Bíblicos.

VVAA. Dicionário Enciclopédico da Bíblia, Vozes, Petrópolis, 2003.

VVAA. Pequeno Dicionário de Línguas da Bíblia, Vida Nova, São Paulo, 1981.

xi. Comentários Bíblicos.

GRANDE COMENTÁRIO BÍBLICO, Paulus, São Paulo (Profetas, Salmos, Jó, e outros).

PEQUENO COMENTÁRIO BÍBLICO, Paulus, São Paul0 (todos os livros do Antigo Testamento).
COMENTÁRIO BÍBLICO LATINO AMERICANO (Vários livros em modelo ecumênico feito pela Editora Sinodal, Vozes, Metodista e que está sendo relançada pela Edições Loyola).

xii. Antropologia do Antigo Testamento.

PIKAZA, Xavier. Antropologia Bíblica, Sigueme, Salamanca, 1998
WOLFF, Hans Walter. Antropologia do Antigo Testamento, Teológica, São Paulo, 2006.

xiii. Léxico.

LUST, J. et all. A Greek English lexicon of the Old Testament, Stuttgart, SBU, 1998
NIDA, E. et all. A Greek English lexicon of the New Testament, SBU, 1996
VVAA. Old Testament Lexicon, Zondervan, Michigan, 2000.

xiv. Idioma.

AUVRY, Paul. Introdução ao Hebraico Bíblico, Vozes, Petrópolis, 1998.
BUDDE, Karl. GRAMÁTICA Elementar do Hebraico Bíblico, Sinodal, São Leopoldo, 1991.
FRANCISCO, E. F. Manual de Bíblia Hebraica. Vida Nova, São Paulo, 2003.
HUEGGER, Heinz Peter. Bíblia Stuttgartensia, SBU, Stuttgart, 2000.
KELLEY, Page. Hebraico Bíblico, Sinodal, São Leopoldo, 1998.
KERR, Guilherme. Gramática de Hebraico, EPU, São Paulo, 1994.
KITTEL, Rudolf. Bíblia Hebraica, SBU, Stuttgart, 1998.

MAMBDIN, Thomas. Introdução ao Hebraico Bíblico, Paulus, São Paulo, 2003.

XV. BIBLIOGRAFIA GERAL.

a. Antropologia teológica.

BOFF, LEONARDO. *O destino do homem e do mundo*. Petrópolis: Vozes 1978.

BRAKEMEIER, G. *O ser humano em busca de identidade: contribuições para uma antropologia teológica*. São Lopoldo/São Paulo: Sinodal/Paulus, 2002.

COMBLIN, JOSÉ. *Antropologia cristã*. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOLTMANN, JÜRGEN. *El hombre. Antropologia cristiana en los conflictos del presente*. Salamanca : Sígueme, 1973.

RAHNER, KARL. *Teologia e Antropologia*. São Paulo: Paulinas, 1969.

RIBEIRO, HÉLCION. *Ensaio de antropologia cristã: da imagem à semelhança com Deus*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SCHEFFCZYK, LEO. *O homem moderno e a imagem bíblica do homem*. São Paulo: Paulinas, 1976.

STEIL, CARLOS ALBERTO. Antropologia e teologia: retomando o debate. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 36, n. 3, p. 206-212, 199.

b. Antigo Testamento.

DOBBERAHN, FRIEDRICH ERICH. Criação, meio ambiente e ecologia no AT. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 30, n. 1, p. 47-59, 1990.

GARMUS, LUDOVICO. Bíblia e ecologia. Aspectos fundamentais (Gn 1-11). *Grande Sinal*. Petrópolis, n. 46, p. 275-290, 1992.

GERSTENBERGER, ERHARD (Org.). *Deus no Antigo Testamento*. São Paulo: ASTE, 1981.

GERSTENBERGER, ERHARD. Sujeitai a terra - acerca da mitologia do poder. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 33, n. 3, p. 227-238, 1993.

Wolff, Hans Walter.Antropologia do Antigo Testamento, Loyola, São Paulo, 1984